

# PODER, PATRIARCALISMO E SUBMISSÃO EM DOM CASMURRO, DE MACHADO DE ASSIS

**Emanoela Carolaine Silva Santos**  
UAST/UFRPE

**Maria do Socorro Pereira de Almeida**  
UAST/UFRPE  
socorroalmeidalettras@gmail.com

## RESUMO

O trabalho tem como objetivo, analisar as relações de poder e os aspectos patriarcais na obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis através das perspectivas do discurso do narrador. A história é narrada, em primeira pessoa, por Bento Santiago que encontra, na estratégia narrativa, uma das formas de exercer seu poder e, assim, acaba por revelar aspectos de uma sociedade patriarcal. Ele usa o discurso como instrumento de persuasão para convencer o leitor da suposta traição da esposa. O patriarcalismo, entre outros aspectos, se revela na formação da tríade familiar, pai, mãe e filho e na presença da instituição religiosa, que estabelece o casamento. Nesse processo a submissão e o silêncio da mulher são regras de comportamento. Na obra em questão, a posição social e o comportamento tanto de Capitu quanto de Bentinho, que serão vistos através da fala do próprio Bento, primeiro porque é dele a única voz direta da obra, depois, pela forma como ele constitui o seu discurso. Nessa narrativa, Bentinho ocupa o lugar de fala de Capitu e dos demais personagens, dando espaço apenas para a sua versão da história. A pesquisa é de cunho bibliográfico e para atingir o objetivo buscamos alguns estudos basilares como os de Dominique Maingueneau, Mikhail Bakhtin, Roque de Barros Laraia, Alfredo Bosi, Elizabeth Bandinter, Simone Beauvoir, Mariza Corrêa, John Kenneth Galbraith, Michel Foucault entre outros. Inicia-se observando conceitos e ponderações sobre o patriarcalismo e as estratégias discursivas no intuito de ver de que lugar o narrador se coloca e em seguida, adentra-se a obra para as discussões analíticas. Ao longo do trabalho, foi possível perceber que Bento Santiago assume um papel ditatorial e que sua posição como advogado e ex-seminarista lhe dá cobertura para o discurso, além de ser favorecido pela posição masculina na sociedade e pela situação financeira. Vemos que, apesar de muitas conquistas, as mulheres ainda são “idealizadas” como anjos do lar ou diabólicas sedutoras.

**Palavras-chaves:** Poder. Patriarcalismo. Constituição do discurso.

## ABSTRAC

This paper aims to analyze the relations of power and the patriarchal aspects in Machado de Assis' *Dom Casmurro*, through the perspectives of the narrator's speech. The history is told in first person by Bento Santiago, that finds in the narrative strategy a way of exercising his power and, thus, ends up showing aspects of a patriarchal society. He makes use of the speech as a persuasion

tool to convince the reader of his wife's alleged betrayal. The patriarchy, among other aspects, is revealed in the formation of the familiar triad: father, mother and child, and in the presence of the religious institution, that establishes the marriage. In this process, the submission and silence of woman are rules of behavior. In the referred work, Capitu's and Bentinho's social position and behavior are seen through Bento's own lines, firstly because he possesses the only direct voice in the work, and secondly, for the way he's built his speech. In this narrative, Bentinho occupies Capitu's and other characters' speech places, opening space only to his own view upon the story. The research is bibliographical and, in order to reach the objectives, it was based on the studies of Dominique Maingueneau, Mikhail Bakhtin, Roque de Barros Laraia, Alfredo Bosi, Elizabeth Bandinter, Simone de Beauvoir, Mariza Correa, John Kenneth Galbraith, Michel Foucault, among others. It starts through the observation of concepts and deliberations about the patriarchy and the discursive strategies in order to see where the narrator places himself, and then, it gets into the work for the analytical discussions. Throughout this research, it was possible to notice that Bento Santiago assumes a dictatorial role and that his position as a lawyer and ex-seminarian bases and covers his speech, besides being favored by being a man and by his financial status in society. It is seen that, despite many conquers, women are still idealized as home angels or diabolically seductive.

**Keywords:** Patriarchy. Power. Construction of speech.

## 1 INTRODUÇÃO

*Dom Casmurro* é uma obra escrita por Machado de Assis, por volta de 1899. A história é narrada em primeira pessoa, por Bento Santigado, já sexagenário, ex-seminarista e advogado, que resolveu contar a história do conflituoso casamento dele com Capitu. Diante desse contexto, temos o objetivo de entender como se dá a representação de poder e patriarcalismo na obra, revelados especialmente no discurso do protagonista e ainda perceber a idealização da mulher pela sociedade patriarcal representada por Bentinho. Nesse contexto, também serão analisadas a figura de Capitu e de outras figuras femininas da obra, sempre sob a ótica de Bento, ou seja, como ele as vê, julga e fala delas.

O artigo está dividido em três seções. A primeira “O poder em *Dom Casmurro*”, mostra abreviadamente, as relações de poder na obra em questão. A segunda parte, “*Dom Casmurro*: o patriarcalismo na formação familiar”, Observando como Bentinho e Capitu firmaram a instituição familiar através do casamento e a concepção do filho. Em terceiro: “Submissão e Sileciamento de Capitu, configurando-a em duas faces, a oblíqua dissimulada e a que é idealizada como anjo e dona de casa.

## 2 O PODER EM *DOM CASMURRO*

Inicialmente, devemos considerar o fato de a narrativa ser em primeira pessoa, pois sendo assim, Bento Santiago, narrador e protagonista, pode contar sua história conforme interesses próprios, pois tem o poder atribuído em sua escrita, uma vez que é dono e senhor do discurso e que todos os outros personagens são silenciados. Esse tipo de narrativa mostra que aquilo que se escreve pode ser modificado, bem como os sentidos dos fatos, o que se pode perceber em várias partes do texto, a exemplo do fragmento a seguir, ainda no início da história: “Não consulte dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que lhes dão, mas no sentido que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fúros de fidalgo.” (ASSIS, 1975, p.67). Ele se intitula Dom Casmurro e justifica em seguida, não deixa que o leitor tenha sua própria visão, diz para não ir procurar em dicionários porque ele deu tal sentido a palavra. Enquanto agrada o leitor tirando-lhe o trabalho de procurar o significado da palavra, ele consegue fazer com que o leitor, já a partir daí, deposite confiança no narrador e siga seus direcionamentos ideológicos.

Assim, percebe-se no discurso, como ele vai deixando marcas do patriarcalismo arraigado e alimentado socialmente, aspecto que revela o poder na esfera pública, ou seja, na escrita. Dessa forma, a narrativa de Bento Santiago fica sob suspeita em relação às suas insinuações sobre Capitu. Além disso, podemos ver que o poder, Segundo Foucault (2008) se revela de várias formas, pode estar na fala ou na escrita e também nas ações, assim como pode se revelar em situações e lados diferentes, ou seja, o poder não está sempre de um lado ou com alguém o tempo todo, ele se revela de acordo com a situação de cada momento. No caso do discurso na obra de *Dom Casmurro*, o fato de Bento ter a fala o tempo todo e fazer juízo de valor sobre as pessoas de quem fala, mostra o poder dele enquanto narrador. Ao mesmo tempo, vemos que na trama da obra, ele mostra direta e indiretamente as faces do poder.

O personagem José Dias, por exemplo, apesar de ser um agregado na casa de Bento, percebe-se que ele exerce certa influência no jovem pelo fato de ser mais velho e experiente, tanto que Bento carrega durante toda a vida a impressão de José Dias sobre Capitu: “Olhos de cigana dissimulada”. Ainda nesse contexto, podemos observar a situação de José Dias na família. A mãe de Bentinho era viúva, mas de acordo com a sociedade, uma mulher não seria capaz de cuidar sozinha da família e educar um filho, especialmente se fosse menino, pois esse

precisava da referência masculina e é aí que entra o agregado. Nesse aspecto, vemos que José Dias, apesar de agregado, exercia um certo poder na família.

Por outro lado, Bento era o burguês, o dono do dinheiro e, portanto, àquele a quem José Dias, de certa forma, devia obediência. Mostra-se aí a expressão de dois poderes, o direto e o indireto. Por um lado, José Dias como o homem mais velho na casa, tem uma incidência de influência nas ações da família, tanto que convence a mãe de Bento a tirá-lo do seminário, ao tempo que este mesmo José Dias deve obediência à família e Bento se aproveita um pouco disso, pois pede ao agregado para convencer a mãe e José Dias, por sua vez, o faz pensando em si mesmo, pois se Bento fosse para Paris estudar o agregado o acompanharia.

Vemos aí que, tanto as faces do poder postas por Galbraith (1984, p. 4), ou seja, dos tipos de poder por ele analisados, uma vez que, segundo o autor “nas referências que a ele se fazem raramente se menciona a questão altamente interessante de como a vontade é imposta, de como é alcançada a aquiescência alheia” [...]. Assim, são muitas as formas e as situações diferentes em que o poder pode se revelar em lados opostos de formas várias como se apresentam na obra. Em relação a Capitu, por exemplo, Bento como marido e ‘senhor’ da família, é o poder legalizado e oficial. No entanto, a autonomia de Capitu como sujeito autônomo assusta Bentinho desde a infância e causa, até certo ponto, uma inveja por parte dele uma vez que não conseguia ser sagaz, analisar e resolver determinadas situações com tanta rapidez e inteligência quanto ela. Essa personalidade forte da mulher leva Bentinho a tentar convencer o leitor de que toda sua casmurrice, todo sofrimento e desventuras é culpa de Capitu. Assim, o discurso de Bento Santiago é estrategicamente montado, haja vista que teve tempo suficiente para pensar e repensar o que e como dizer para que tivesse mais poder de persuasão ao falar de suas suspeitas sobre a esposa.

Como bem coloca Bakhtin (2002), todo discurso é ideológico, vemos que no caso de Bentinho há uma intencionalidade evidente de ser acreditado, como se isso aliviasse a própria consciência. Esse discurso apresentado pelo narrador de *Dom Casmurro*, também pode ser observado nas considerações feitas por Maingueneau (1997, p. 30) quando afirma que:

Na perspectiva pragmática, a linguagem é considerada como uma forma de ação; cada ato de fala (batizar, permitir, mas também prometer, afirmar, interrogar, etc.) é inseparável de uma instituição, aquela que este ato pressupõe pelo simples fato de ser realizado. Ao dar uma ordem, por exemplo, coloco-me na posição daquele que está habilitado a fazê-lo e coloco meu interlocutor na posição daquele que deve obedecer; não preciso, pois, perguntar se estou habilitado para isto: ao ordenar,

ajo como se as condições exigidas para realizar este ato de fala estivessem efetivamente reunidas. Dito de outra forma, não é porque tais condições estão reunidas que o ato pode ser efetuado, mas é porque este ato foi efetuado que se consideram reunidas estas condições, Através de sua própria enunciação, este ato de fala é considerado pertinente.

Logo, observa-se que o discurso de Bentinho é premeditado e tem um poder de convencimento se considerarmos o fato do domínio da língua pelo narrador, uma vez que ex-seminarista e advogado. Vemos que quando Bento chama a tenção do leitor para observar a opinião de José Dias sobre Capitu “olhos de cigana obliqua e dissimulada”, é como se ele se isentasse da culpa, ou seja, ele se faz parecer que não era uma pessoa maldosa, o José Dias foi quem o alertou. Assim, sendo aos olhos de mais de uma pessoa, ele estaria acobertado nas suas insinuações sobre o comportamento da esposa.

Esses aspectos observados no posicionamento do narrador referem-se também ao estudo de Maingueneau sobre discurso constituinte. Nesse contexto, ele afirma que: “[...] discurso literário, sua constituência revela-se quando, na enunciação, apresenta uma fala vinda de outro, sem que essa fala seja atribuída a outro plenamente.” (MAINGUENEAU, 2016, p. 65 apud COSTA, p.4) Dessa forma, vemos que narrador numa narrativa como que está sendo analisada, pode criar seus próprios sentidos, e com uma certa autoridade. Logo, percebe-se que o narrador de *Dom Casmurro* “constrói as condições de sua própria legitimidade ao propor um universo de sentido e, de modo mais geral ao oferecer categorias sensíveis para um mundo possível.” (MAINGUENEAU, 2016, p. 65 apud COSTA, p.4).

Observa-se então, que Bentinho, ao negar a voz de todos os outros personagens, faz, ele mesmo, a construção de sentidos a respeito de todos eles e de suas ações. Bentinho se torna dono até do pensamento dos personagens uma vez que ele próprio analisa e constitui um discurso para expressar esses aspectos. Assim, ele o faz especialmente com Capitu, uma vez que sua intenção é fazer o leitor seu cúmplice nas suspeitas sobre a esposa.

O resto é saber se a Capitu da praia de Dona Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. [...] Mas, eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, há de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca. (ASSIS, 1975, p.259)

Vemos aqui que as palavras de Bento no início da narrativa já tinham um objetivo, o de levar o leitor a ver Capitu conforme o direcionamento dado por ele, por isso ele chama atenção para essa fala, justificando o presente pelo passado e deixando implícito o fato de o leitor já ter sido avisado sobre as façanhas de Capitu ainda menina.

Com base nas facetas discursivas e reformulações de discurso podemos pensar que o poder pode vir também a partir de um discurso, essa legitimação advém da minha relação de sentido com o outro, ou seja, o que penso do interlocutor e vice versa. Para Max Weber poder: “é a possibilidade de alguém impor a sua vontade sobre o comportamento de outras pessoas”. (WEBER, 1984, p. 323 apud GALBRAITH, 1984, p. 2) Sendo assim, o poder está enraizado na construção do mundo, das relações sociais, e que muitas vezes está oculto. Foucault (2008) diz que o poder é regido por regras ditas como verdadeiras e qualquer formação política, econômica e social utilizaram do poder para alcançar seus objetivos. Logo, o narrador-personagem, Bentinho, constrói a narrativa movido por desejos, o de “[...] atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência” (ASSIS, 1975 p. 68) e através disso, passar uma impressão ao leitor, a de que a esposa o traiu, para poder justificar a si mesmo as atitudes em relação a ela. Então, embora ele em nenhum momento diga claramente que ela o traiu, o leitor, levado pela estratégia discursiva, bem como pelos preceitos de uma sociedade patriarcal, dos valores e comportamentos determinados para a mulher, é induzido a pensar na traição.

Nesse intento, ele coloca seu ponto de vista sobre percepções e ações dos personagens e de culpa Capitu pela sua *Casmurrice*. Dentro desses aspectos, ele expõe a sua verdade e cria mecanismos para acreditarem na sua versão. Esse mecanismo advém daquele que exerce o poder em vários sentidos, uma vez que, em uma sociedade patriarcal, que pelo fato de ser o homem na relação, ele já tem parte da credibilidade e esse aspecto fica nítido, pois Machado expõe esse contexto ao mostrar indiretamente, que seria mais fácil acreditar nas suspeitas de um homem, mesmo sem provas e sem oportunidade de explicação da pessoa suspeitada; do que na palavra de uma mulher em sua própria defesa, como era costume em muitos casos o homem lavar a honra com sangue mesmo que ele fosse a única testemunha da suposta traição da mulher, ou seja, ele não era questionado sobre assassinato se dissesse que o cometeu para se livrar de uma traidora, de uma pessoa que desrespeitou o lar e a família. Percebe-se que Bentinho usa dessa deixa para se fazer acreditar, tendo a seu favor um excelente domínio da retórica e ser um homem respeitado, primeiro por ter exercido o seminário e depois, por ser um advogado.

Segundo Galbraith (1984, p. 4), o poder extrai formas de controle:

ter em mente, desde o início, os fatos básicos do poder para então prosseguir com uma visão clara do seu caráter essencial - sua anatomia.

Logo, essa anatomia é como o poder estrutura-se para seduzir fisicamente ou verbalmente o outro para ser submisso. O poder estabelece, em sua linha histórica e social, formas que se transformaram ao longo dos anos: “O poder cumpre, há séculos, uma regra de tríade. Há três instrumentos para manejá-lo ou exercê-lo. E há três instituições ou atributos que outorgam o direito de usá-lo.” (GALBRAITH, 1984, p.4).

Assim, fica claro o modelo-base do poder que se multiplicou na organização social, demarcando quem exerce mais poder, tríade que também marca a posição da mulher, a que fica em última estância nessa pirâmide. Tríade que estruturou o clero, a burguesia e os camponeses, que estruturou a legislação, o executivo e o judiciário, que demarcou os senhores, os capatazes e os negros, que demarcou a família, pai, mãe e filho. Tríade que também marca o suposto triângulo amoroso insinuado por Bentinho, entre ele, Capitu e seu amigo Escobar.

Essa demarcação tripla também caracteriza as formas de poder descrita por Galbraith (1984), as quais são: condigno, compensatório e condicionado. Para ele: “o poder condigno obtém submissão pela capacidade de impor às preferências do indivíduo ou do grupo uma alternativa suficientemente desagradável ou dolorosa para levá-lo a abandonar as suas preferências.” (GALBRAITH, 1984, p. 4) Já o: “poder compensatório, em contraste, conquista submissão oferecendo uma recompensa positiva - proporcionando algo de valor ao indivíduo que assim se submete.” (GALBRAITH, 1984, p.5). O Poder condicionado, como o próprio nome já diz “é exercido mediante a mudança de uma convicção ou de uma crença. A persuasão, a educação ou o compromisso social com o que parece natural, apropriado ou correto leva o indivíduo a se submeter à vontade alheia” [...] (GALBRAITH, 1984, p. 6).

Dentro da estrutura do romance a relação de poder estabelece também de três formas. A relação de Bentinho com os personagens, na formação da família e na posição social e econômica do narrador. Em relação ao poder condigno e compensatório, eles manifestam na obra, dentro dessas instâncias citadas anteriormente. O poder compensatório está na relação de Bentinho com José Dias e na relação com Capitu.



Na relação de Bento com José Dias, o poder compensatório pode ser subtendido, na conversa do protagonista com o próprio José Dias, pois como se sabe José Dias é um agregado à família Pádua: “Era nosso agregado desde muitos anos”. Dona Glória queria que Bentinho fosse padre, mas ele hesitava. Por isso, pediu ajuda a José Dias:

Vejo que o senhor não quer senão o meu benefício, disse eu depois de alguns instantes.- Pois que outra cousa, Bentinho? –Neste caso, peço-lhe um favor. -Um favor? Mande, ordene, que é? – Mamãe...[...] Mamãe o quê? O que tem sua mamãe? – Mamãe quer que eu seja padre, mas eu não posso ser padre, disse finalmente. José Dias endireitou-se pasmado.- Não posso continuei eu, não mesmo pasmado que ele, não tenho jeito para padre. Estou por tudo o que ela quiser; mamãe sabe que eu faço tudo o que ela manda;[...] Todo esse discurso não me saiu assim, de vez, mas aos pedaços, [...] Realmente a matéria do discurso revelaria em mim uma alma nova; eu própria não me conhecia. [...] –[...] não hei de persuadir sua mãe de um projecto que é, além de promessa, a ambição e o sonho de longos anos. Quando pudesse, é tarde. [...] -Pois ainda é tempo.[...] Estou pronto para tudo, se ela quiser que estude leis, vou para São Paulo...[...] É tarde disse ele; [...] irei falar a sua mãe. [...] As leis são belas, [...] Pode ir a São Paulo [...] ou ainda mais longe. [...] Melhor é ir logo para universidade, e ao mesmo tempo que estuda viaja. Podemos ir juntos. ( ASSIS, 1975,p.101-102-103-104-105)

José Dias, foi submisso à vontade de Bentinho, em troca de viver seu sonho de viajar para Europa, assim como é característica do poder compensatório, pois como o agregado bem coloca: “se vontade é poder de mandar estamos aqui, estamos a bordo”.(ASSIS, 1975,p.105) Essa submissão se deu de forma consciente, pois caracteriza um jogo de interesses de ambas as partes. Bentinho usufrui do seu poder aquisitivo bem como de sua posição de ‘quase patrão’ para convencer o agregado que, por sua vez, sede conscientemente, já que tinha também interesse na viagem e assim, o poder de influência que tem sobre a mãe de Bentinho.

Nesse sentido, Almeida (2014 p. 143), ao falar sobre poder diz que:

Gerard Lebrun (2007, p. 12) observa que o poder é condicionado por algo que ele chama de **potência**<sup>1</sup>. Para ele “existe o poder quando a potência, determinada por certa força, se explica de uma maneira muito precisa, não sob o modo de ameaça, da chantagem, mas sob a ordem dirigida a alguém que, presume-se, deve cumpri-la”. Vê-se então que para Lebrun, a potência seria o que legítima o poder, ou seja, a força do poder está, muitas vezes, na sua legalidade, mesmo que essa seja imposta em algumas situações. Nesse sentido, o poder age sempre impulsionado por uma força que lhe proporciona a ação de alguma forma.

Vemos então, que essa potência da qual fala Almeida ao parafrasear Lebrun, está tanto na posição de Bentinho pelo poder aquisitivo e por ser praticamente um patrão de José Dias. Quanto o agregado usa a potência do seu poder de influência que tem como elemento motivador, o interesse pela viagem.

<sup>1</sup> Termo usado por Max Weber para mostrar as forças que regem o poder e usado por Lebrun para explicar como esse se revela.



Do mesmo modo, essa potência também está nas condições de Bentinho para persuadir através do domínio da língua e da retórica. Bentinho também usa da persuasão com José Dias, assim como faz com o leitor para convencer que sua histórica é verídica. Ele usa segundo Galbraith (1984), os meios de manter o poder é através da “personalidade: “aptidão de persuadir”, pois sendo ex-seminarista e advogado, atende bem essa “aptidão de persuadir”, a propriedade, no caso, é através do dinheiro uma vez que para Galbraith (1984): “a renda-proporciona os meios de comprar a submissão”, que, na situação da obra, seria os sonhos de viajar de José Dias, e a organização: “os participantes, ou seja, José Dias representa “os empregados”, os subalternos.

Na relação de Bento com Capitu, vemos que o poder do marido já tem sua potência no patriarcado, que lhe concede posições e condições que não dar à mulher. Por outro lado, o poder condigno e o condicionado expressos por Galbraith (1984) se representam nas formas de punição que a mulher pode sofrer, justamente por estar submissa à potencialidade do poder, ou seja, da posição do marido na sociedade

### **3 DOM CASMURRO: O PATRIARCALISMO NA FORMAÇÃO FAMILIAR**

Não podemos mencionar poder sem falarmos de patriarcalismo e a formação de poder nas relações familiares. Como foi dito anteriormente, o poder compensatório acontece dentro da obra, na construção familiar entre Bentinho e Capitu. O patriarcalismo define as regras da posição da mulher na família e na sociedade em geral.

Alguns teóricos já observaram como o patriarcalismo se estabeleceu no Brasil, como afirma Gilberto Freyre: (2003) o patriarcalismo estabeleceu-se no Brasil como uma estratégia da colonização portuguesa. Estratégia esta que tem como ponto chave a dominação. Assim, se estabeleceu uma hierarquia entre classes e raças e conseqüentemente entre os gêneros. Dentro dessa estratégia, a mulher ficava no anonimato, e o poder de decisão fica pertencendo apenas ao homem. Para Freyre (2003) a relação entre homem e mulher estava ligada apenas para o sexo, ou seja, a mulher é colocada apenas como objeto sexual, a que “como a obrigatoriedade, da parte das mulheres, de manter relações sexuais com os maridos, decorrentes de uma obrigação de atender aos desejos masculinos, independentemente das circunstâncias, e de sua própria vontade”(AGUIAR, 2017, p. 5).

A formação familiar dentro da obra analisada, é programada por Bentinho e Capitu, ainda na Infância:

Dizem que não estamos em idade de casar, que somos crianças, criançolas, - já ouvi dizer criançolas. Bem; mas dous ou três anos passam depressa. Você jura uma coisa Jura que só há de casar comigo? Capitu não hesitou em jurar, e até lhe vi asa faces vermelhas de prazer. Jurou duas vezes em uma terceira: -Ainda que você case com outra, cumprirei o meu juramento, não casando nunca. (ASSIS, 1975. p.137)

E assim, eles casam sonhando com uma união feliz e duradoura, enquanto o narrador provoca o leitor à continuação da história:

POIS SEJAMOS felizes de uma vez, antes eu o leitor pegue em si, morto de esperar e vá para outra parte; casemo-nos. [...] São Pedro que tem as chaves do céu, abriu-nos a porta dele, fez-nos entrar [...] recitou alguns versículos: “As mulheres sejam sujeitas a seus maridos... Não seja o adorno delas o enfeite dos cabelos riçados ou as rendas de ouro, mas o homem que está escondido o coração... do mesmo modo, vós, maridos caobitai com elas, tratando-as com honra, como vasos mais fracos, e herdeiros convosco da graça da vida. (ASSIS,1975,p.206)

Podemos observar que o versículo citado por Bento, tem um objetivo, mostrar a Capitu qual seria a posição dela na família. Veja-se que a partir daí ele já mostra sua opinião a respeito da mulher em uma perspectiva que não pode ser confrontada. A mulher é colocada como vasos fracos que precisam da proteção do homem. Esse discurso é uma forma de mantê-la sob o domínio masculino, domínio esse mascarado de proteção. Assim, vemos que por trás dessa fala há um objetivo, uma intenção, uma forma de fazer Capitu, através das palavras bíblicas, reconhecer que deveria se portar exatamente da maneira mostrada. Dessa forma, Bentinho se isenta da responsabilidade de mandão, de machista ou manipulador, uma vez que ele está apenas repetindo o escrito, ou seja, não é a vontade dele, mas a vontade de Deus e em nome da religião, a mulher deve obedecer a esses modelos de conduta.

Vemos nesse contexto, que a inocência que o narrador tenta passar para o leitor, como aquele que foi manipulado por uma moça que desde criança já era malina, na verdade é a malícia dele próprio, que monta estrategicamente, um jogo de palavras, frases e fatos, de forma que o leitor seja levado a ver exatamente pelo ângulo que ele quer que seja visto tudo que ele apresenta na obra.

Essa submissão da mulher é característica da família patriarcal do século XIX, não desconsiderando que o patriarcalismo está antes e depois do citado período. No caso da tríade familiar, na obra em questão ela está completa quando nasce o filho de Bentinho e Capitu:

As horas de maior encanto e mistério eram as de amamentação. Quando eu via o meu filho chupando o leite da mãe e toda aquela união da natureza para a nutrição e vida de um ser que não fora nada, mas que o nosso destino afirmou que seria, e a nossa constância e o nosso amor fizeram que chegasse a ser [...]. (ASSIS, 1975, p.215)

Pode-se observar também, que numa sociedade em que os interesses econômicos eram fortes e que os casamentos, muitas vezes, ocorriam por conveniência, não se pode deixar de dizer que, para Capitu, o casamento foi bom, porque além de casar com o homem por quem era apaixonada desde a infância, a sua família sairia um pouco da dependência econômica da família de Bentinho. Esse aspecto, Bento faz questão de enfatizar logo no início da narrativa, e o que se pode inferir dessa atitude do narrador, é já alertar o leitor com relação ao interesse de Capitu no casamento. Essa então, seria mais uma justificativa do narrador para a suposta traição da mulher, ou seja, mais uma vez há uma estratégia para a condenação da esposa, uma vez que a narrativa é contada anos depois e que o narrador teve tempo suficiente para pensar em cada detalhe de como colocar sua história em favor de si mesmo.

A mulher tornar-se-ia submissa em qualquer circunstância numa sociedade patriarcal. Na narrativa de Bento Santiago, em nenhum momento seria atribuído valor a voz dela, mesmo sendo Capitu, a maior representante na obra, pois ela é o foco da narração, é o elemento motriz. O título, “Dom Casmurro”, só vem mostrar a força e o poder que o narrador exerce na obra, haja vista que ele o “deus” tutelar da palavra. Para concretizar a família tal qual o modelo hegemônico social, eles precisariam de um filho, que foi concebido e ao qual foi dado o nome de Ezequiel, primeiro nome do amigo Escobar. Ao começar achar que Capitu o traiu com o amigo Escobar, a levou para Europa e ela atendeu o pedido (ordem), a fim de satisfazer o desejo de Bentinho, de manter as aparências. Ela preferiu fazer isso porque Bentinho não conseguia mais conviver com Ezequiel e até pensou em matá-lo. Assim, ela viaja e poupa a vida do filho. Ela usou da obediência assim como próprio Bentinho relata:

AQUI ESTÁ o que fizemos. Ao cabo de alguns meses, Capitu começara a escrever-me cartas, a que respondi com brevidade e sequidão. As dela eram submissas, sem ódio, acasos afectuosa, e para o fim saudosos; pedia-me que a fosse ver. Embarquei um ano depois, mas não a procurei, e repeti a viagem com o mesmo resultado. Na volta, os que lembravam dela, queriam notícias, e eu dava-lhes, como se acabasse de viver com ela; naturalmente as viagens eram feitas com o intuito de simular isto mesmo e enganar a opinião.[...] (ASSIS, 1975 , p.251)

Sendo assim, autoridade e obediência são as palavras chave do patriarcado, sendo que autoridade está para o senhor e obediência para quem está a margem. Essas duas palavras estão na constituição tradicional da família, que serve de “padrão”, a que é formada pela tríade, pai, mãe e filhos. E cada um tem a sua posição, o homem o chefe, a mulher a recatada

e obediente, e aos filhos, quando homens, tornam-se chefes e quando são mulheres tornam-se submissas, formando, assim, um ciclo vicioso. E o status de casamento era tão importante que mantiveram as aparências.

### **3.1 A submissão e o silineciamento de capitu**

A configuração ficcional de Capitu se dá dentro do discurso de Bentinho, em duas faces. A de criança e a de adulta, como Bentinho diz: “[...] se te lembras bem da Capitu menina, há de reconhecer, há de reconhecer que estava dentro uma da outra, como fruto dentro da casca.” (ASSIS, 1975, p. 259). No entanto, há de se observar que o narrador já deixa o leitor em alerta com relação a menina que na fase adulta se tornaria uma adúltera. É relevante, nesse caso, o fato de que Bentinho narra a história anos depois que tudo aconteceu, então ele tem oportunidade de preparar um discurso manipulador no sentido de mostrar Capitu como alguém de caráter suspeito desde a infância, assim torna-se mais fácil que o leitor acredite em suas justificativas e em suas suspeitas.

Ainda vale ressaltar que o narrador mostra não a sua opinião sobre a menina Capitu, mas a de José Dias, homem sério e mais velho, ou seja, alguém que teria experiência para fazer juízo de valores sobre alguém. Dessa forma, mais uma vez fica evidente a construção do discurso de Bento, estrategicamente constituído para incriminar a esposa e isentá-lo da culpa do fracasso casamento ou, pelo menos, justificar o fato de ter abandonado a mulher e o filho e também o asco que sentia pelo filho, o qual nos dar mais uma maneira de imaginar os conflitos psicológicos de Bento, o ciúme do próprio filho. Entre tantos momentos que poderiam ser mostrados ele escolhe justamente o da amamentação: “Quando eu via o meu filho chupando o leite da mãe e toda aquela união da natureza para a nutrição e vida de um ser que não fora nada, mas que o nosso destino afirmou que seria” (ASSIS, 1975, p.215).

Veja-se que ele não se mostra feliz com a cena, apenas faz a constatação do momento. Na verdade, a atenção dada ao filho tirou-lhe do centro do amor de Capitu, ao qual ele estava acostumado desde criança. Bento era filho único, burguês e cheio de façanhas para que suas vontades fossem realizadas, um exemplo é o fato de, com o dinheiro, ou seja, com a possibilidade de uma viagem ao exterior, conseguir de José Dias o convencimento da mãe para aceitação da viagem deles. Esse menino mimado e cheio de vontades também ainda está

escondido no adulto e se revela depois do nascimento do filho com o qual tem que dividir a atenção, o amor e o corpo da mulher.

A símile utilizada por Bento (fruto dentro da casca), mostra que Capitu, inicialmente, se apresentava como uma menina diferente das demais, reflexiva: “Capitu reflectia. A reflexão não era cousa rara nela, e conheciam-se as ocasiões pelo apertado dos olhos.” (ASSIS, 1975, p.93) e autônoma: “Todas as minhas invejas foram com ela. Como era possível Capitu se governasse tão facilmente e eu não? (ASSIS, 1975, p. 183)” Também, aos olhos de Bentinho é expressa maldade: “Como vês, Capitu, aos quatorze anos, tinha já ideias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos” (ASSIS, 1975, 185). Como bem coloca Maingueneou (2006, p. 61) “Os discursos constituintes são discursos que conferem sentido aos atos da coletividade, sendo em verdade os gerantes dos múltiplos gêneros do discurso[...]”. Nessa perspectiva, Bentinho faz parte de duas representações de sentido e verdade social, o eclesiástico, uma vez que foi participante direto como seminarista; e a lei, haja vista que é advogado. No comentário dele sobre Capitu, percebe-se que a diferença que ele observa dela em relação as demais garotas da idade dela, não é só o fato de ela ser reflexiva e inteligente, mas fica implícita a ideia de que ela possui a maldade que as meninas da idade dela não deveriam ter, ou seja, a pureza que cabia às moças da idade dela. Por outro lado, tornou-se submissa ao casar-se com bentinho, uma vez que deve fazer parte de uma condição hegemônica da sociedade.

A subalternidade se revela no discurso de um narrador que representa pontos sociais de poder, ou melhor, os dois pontos que são indiscutivelmente os aspectos do poder: o patriarcalismo e o capitalismo, haja vista que Bentinho era burguês e, na obra, opera também como único dono de fala, negando a voz aos demais personagens. Assim, o primeiro artifício dessa subalternidade de Capitu advém da narrativa em primeira pessoa, pois quem conta a história de Capitu não é ela e sim Bentinho. Nesse caso, o poder do discurso uniliteral a subalterniza. O discurso de Bentinho se constitui por si ou embasado por um crédulo sociocultural como no caso acima da citação do versículo bíblico, uma vez que, como enfatiza Simone Abrahão da Costa (2016, p. 14) “De forma geral podemos dizer que o discurso constituinte é aquele que se constitui a partir de outros discursos, sob vários diálogos se fazendo e se formando na construção de um novo discurso”. Por outro Maingueneau (2006, p. 65) observa que “A narrativa é igualmente um trabalho de legitimação de sua própria cena de enunciação.”

Na obra em questão, na maioria das vezes é um discurso que se auto constitui a partir de efeitos de um imaginário social, cultural, religioso que Bentinho, magistralmente, usa em favor de sua fala. Esses aspectos são discutidos por Maingueneau (2006, p. 61) ao conceituar discursos constituintes e discurso limites. Sobre esses fatores o autor faz a seguinte observação:

Os discursos constituintes são discursos que conferem sentido aos atos da coletividade, sendo em verdade os grandes múltiplos gêneros do discurso. O jornalista, às voltas com debate social, vai recorrer assim, a autoridade do sábio, do teólogo, do escritor ou do filósofo. [...] Discursos limite, situados num limite, e que se ocupam do limite, ele deve gerir em termos textuais os paradoxos que seu estatuto implica. Com eles, são formuladas em toda sua auidade as questões relativas ao carisma, à encarnação, à delegação do absoluto: a fim de autorizar-se a si mesmos, eles devem se propor como ligados a uma fonte legitimadora. São, a um só tempo *autoconstituíntes* e *heteroconstituíntes*, duas faces que se pressupõem mutuamente: só um discurso que se constitui ao tematizar sua própria constituição pode desempenhar um papel constituinte com relação a outros discursos. Esses discursos têm o perigoso privilégio de legitimar-se ao refletir em seu funcionamento mesmo sua própria constituição.

Ao analisar o discurso de Bento Santiago, percebemos que ele, o tempo todo, tenta legitimar sua fala e tem ao seu “favor” a tradicionalidade de uma sociedade hegemonicamente patriarcal e a perspectiva religiosa que ele chama durante sua fala, uma vez que, como ex-seminarista era conhecedor dos textos teológicos a ponto de saber como e em que momento deveria usá-los. Ressalta-se ainda, a posição de uma profissão (advogado) que legitima sua voz como a que está acima de qualquer suspeita. Então, entre outros fatores, devemos observar de onde parte o discurso de Bentinho, ou seja, não é apenas de um marido supostamente traído, mas de alguém que usa de artifícios, crenças, aspectos culturais, sociais para legitimar seu discurso, além de ter a façanha de saber usar ‘magistralmente’ as palavras. Não esqueçamos que tudo isso faltava a Capitu, uma vez que a mulher geralmente não fazia curso superior, não tinha profissão e nem contato social a não ser com as pessoas que o marido permitisse e, no caso da narrativa em questão, ainda falta-lhe o direito de fala.

A duplicidade de Capitu descrita pelo narrador (Bentinho), ele mostra através do olhar de um outro personagem, configurando uma espécie de triângulo da narrativa. Ou seja, há momentos em que o narrador faz o leitor imaginar Capitu aos olhos de José Dias: “[...] A gente, Pádua, não é de toda má. Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... já reparou nos olhos dela? São assim de cigana obliqua e dissimulada[...]” (ASSIS,1975, p.102). Dessa forma enviesada, Capitu é representada: aquela que disfarça suas ações, o que reiteradas vezes é escrito por Bentinho. Após cinco anos ela é configurada de outra maneira, através de José Dias:

[...] Aquela intimidade de vizinhos tinha de acabar nisto, que é verdadeiramente uma benção do céu, porque ela é um anjo, um ganjíssimo... [...] não vi que essa menina travessa já de olhos pensativos era a flor mais caprichosa de um fructo sadio e doce. [...] e amiga da gente ...e uma excelente dona de casa.[...] Depois da morte da mãe tomou conta de tudo.(ASSIS, 1975, p.205)

Assim, podemos notar que ela representa dois lados: a mulher configurada na literatura cheia de personalidade e da vida real, dona de casa. Nesse contexto, Virgínia Woolf (1928) assinala que:

[...] se a mulher só existisse na ficção escrita por homens, poderíamos imagina-las como uma pessoa de maior importância: muito versátil; heróica e mesquinha; admirável e sórdida; infinitamente bela e medonha ao extremo; tão grande quanto o homem, [...] Na imaginação, ela é da mais alta importância; em termos práticos, é completamente insignificante. (WOOLF, 1928, p. 55-56)

Com isso, podemos pensar, e se Capitu tivesse narrado o romance, será que ela teria a mesma credibilidade de Dom Casmurro, ou simplesmente não seria atribuído valor a sua voz? Ela sequer conseguiria mostrar o seu talento, pois a sociedade gera opiniões em relação à conduta da mulher. Ela teria que ser mais que dona de casa, anjo do lar.

Diante disso, a submissão feminina é discutida por Spivak (2014, p.85). que indaga o lugar da mulher entre os subalternos e suas representações e a mulher é uma das mais negligenciadas, pois “a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina.” Além disso, “o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.” (SPIVAK, 2014, p. 85). Logo, o sistema patriarcal impõe a submissão e silenciamento das mulheres, lembrando que elas sofrem muito mais quando são pobres e negras. Nunca foi dado às mulheres o agenciamento, são colocadas em última estância, só no século XX é que esse quadro começa a mudar, embora saibamos que sempre tivemos aquelas que subverteram os caprichos do poder em vários sentidos, religiosos, sociais, entre outros.

A mulher também é colocada como status-sujeito, vista como objeto do marido no casamento ou do homem em geral, na sociedade, e assim a mulher não constrói seu próprio “eu”, sempre é moldada a sombra do marido, da dona de casa, a ponto de se sacrificar-se por isso, logo, “não há valor algum atribuídos as mulher” (SPIVAK, 2014, p. 165). É interessante observar que a desvalorização dos aspectos domésticos é evidente até hoje. Portanto, os subalternos não podem falar, porque lhe faltam valor a sua voz, lhe faltam poder e assim, torna-se mais difícil para as mulheres, especialmente as que fazem parte de uma classe econômica inferior



ou aquelas que, mesmo em condição de melhor poder aquisitivo, são ainda sustentadas por seus maridos.

Mas, a Literatura é um mecanismo de subversão, resistência e denúncia a qualquer tipo de atropelo dos direitos humanos, especialmente ao que condiz ao patriarcalismo e ao uso do poder capitalista. Por outro lado, entende-se que não é o subalterno que não pode falar, ele não é entendido pelo outro que exerce o poder, e por aqueles cuja crença está posta de forma ilusória, da existência dessas relações como algo positivo e legítimo. Logo, os subalternos são negados enquanto sujeito, pois o egocentrismo do soberano só enxerga a si mesmo, subjugando o outro. Para a figura feminina, sua voz é negada pelo pai, em seguida pelo marido e depois pela sociedade, assim negada tantas vezes, cai na obscuridade do silêncio. Em sentido de base, a primeira negação é da própria sociedade, uma vez que essa já é árvore de onde o pai já é fruto.

Assim, surgem duas hipóteses, o personagem Bento Santiago cria a história para subjugar ainda mais Capitu e preencher o vazio que falta a si mesmo. Ou criar imagetivamente uma submissão que não foi concretizada, pelo fato de Capitu ser a Capitu descrita por José Dias disse: “*Obliqua e dissimulada*”, sendo incapaz de ser dominada. Pois, quem conta a história é ele. Ele mesmo sabe que se não fosse Capitu, não existira Dom Casmurro. Sem ela o seu “eu”, não é restituído: “Se só me faltasse os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas faltou eu mesmo, e esta lacuna é tudo.” (ASSIS, 1975, p. 68). Os outros é quem completa o seu eu, o poder estabelecido é quem o compõe, e solitário não pode exercer seu poder sobre outro.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos ver que o foco narrativo de Bentinho ocupa o lugar de fala de Capitu, pois quem narra a história o personagem que tem sua própria consciência subjetiva, o escritor por sua vez, tenta subliminarmente, enunciar a forma do poder, o patriarcalismo, e como a mulher, através de Capitu, é configurada socialmente em termos de relação de gênero, ou seja, submissa.

O romance dirigiu-se em alguns momentos as leitoras: “Sim leitora castíssima” (ASSIS, 1975, p.150); “Tudo isso é obscuro Dona leitora” (ASSIS, 1975, p.158); “A leitora, que é minha  
Revista Científica da FASETE 2018.2 | 25

amiga e abriu este livro para descansar da cavatina de ontem para a valsa de hoje, quer fechalo às pressas, ao ver que beiramos um abismo. Não faça isso, querida; eu mudo de rumo.” (ASSIS, 1975, p.231).

Dessa forma, voltada para elas, mostra que o patriarcalismo e poder gera subalternidade, eles três são inseparáveis, e causa, portanto do silêncio da mulher. No entanto, a literatura é um mecanismo de quebra, que não tem amarras e mantém uma verdade própria que se assemelha com outras verdades sociais. Com esse silêncio através da expressão literária, através de um produto social: as palavras, o discurso literário, que incomoda e atrai mais vezes a fim de criar uma teia de resistência traçada e submersa nas palavras que compõem o texto literário.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma. **Patriarcado, sociedade e patrimonialismo**. 2017-03-08. Disponível em: <http://br.123dok.com/document/myj16g2y-patriarcado-sociedade-e-patrimonialismo.html>. Acesso em: 01/11/2018.

ALMEIDA, Maria S P de. **Interfaces da natureza em Grande sertão: veredas**. Tese de doutorado. João Pessoa – PB: UFPB, 2014.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL,1975. Freyre.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, São Paulo: Hucitec, 2002. \_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e Estética**, São Paulo: Hucitec, 2002.

CORRÊA, Mariza. **Repensando a família patriarcal brasileira**. Cad.Pesq.São Paulo, (37).p.5-16, Mai.1981.

COSTA,S.R.A.B. **O Discurso constituinte e suas aplicações**. Revista travessias número 02 vol. 10 2016.ISSN 1982-5935 *Travessias*, n.2.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25ª edição (Trad.) Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**, 48ª ed.. São Paulo, Global, 2003.

GLEDSON, John. **Machado de Assis: impostura e realismo: uma reinterpretação de Dom Casmurro**. Tradução: Fernando Py. São Paulo : Companhia das Letras,1991.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em análise do discurso**. 3ª ed. tradução Freda Indursky: revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda; Gallo, Maria da

Gloria de Deus Vieira de Moraes. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

\_\_\_\_\_. **Discurso Literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, Giselle Rodrigues. **Caminhos teóricos para a literatura literária de práticas de resistências subalterna**. 2010. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTIAGO, Silviano. Jano Janeiro. **Teresa revista de Literatura Brasileira**. São Paulo, p.429-452, 2006.

SANTIAGO, Silviano. “Retórica da verossimilhança”. In: **Uma literatura nos trópicos**. 2. ed. Rio de Janeiro. Rocco, 2000. p.27-46.

SCAVONE, L. **Maternidade: transformações nas famílias e nas relações de gêneros**. Interface\_ Comunic, Saúde, Educ, v.5, n.8 ,p.47-60.2001.

SCHWARZ, Roberto. **A poesia envenenada de Dom Casmurro**. Novos estudos nº 29. Março, 1991.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?**. Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa. André Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.